

★★★★★ UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO ★★★★★

The New York Times ★ *Amazon* ★ *Time*

O
desenlace
da
vida

JULIE YIP-WILLIAMS

Uma incrível história real sobre como viver
plenamente, enfrentando de forma consciente
as verdades mais duras

 nascente

Índice

Prólogo	7
1. Morte, Parte Um	9
2. Vida	13
Verão e outono de 2013	19
3. As Probabilidades	21
4. Ver Fantasmas	27
5. A Guerra e as Armas	33
6. Acordos com Deus	35
7. CEA, PET, RM... ..	41
8. A Bênção de Fazer a Viagem Sozinha	47
9. O Segredo	57
10. Momentos de Felicidade	77
11. Uma Aventura com o Terapeuta de Medicina Chinesa	85
2014	93
12. As Amarras Nefastas à Terra	95
13. As Encruzilhadas do Mundo	101
14. Esperança	109
15. Estou Perdida	117
16. Um Pesadelo	121
17. A Mão de Deus	129
18. Uma História de Amor	137
19. Destino e Sorte	149

20. Números, uma Reavaliação	167
21. Aceite as Vitórias, Sempre Que Puder	177
22. O Cancro Está nos Meus Pulmões	183
2015	187
23. Da Escuridão para a Força	189
24. «Mantê-lo no Estômago»	197
25. Um Dia na Minha Vida	203
26. Invencibilidade	211
27. Sonhos Renascidos	221
28. Solidão	227
29. Um Jogo de Cluedo	233
30. A Dádiva do Luto	243
2016	249
31. A Vinda dos Yip para a América	251
32. Viver	259
33. Insanidade	263
34. <i>Chipper</i>	275
35. Coragem e Amor	283
36. Ódio	291
2017	301
37. Fé, uma Lição de História	303
38. Lar	309
39. Acreditar	313
40. Dor	317
41. Morte, Parte Dois	321
42. Preparação	325
43. Amor	337
2018	351
44. O Desenlace do Milagre	353
Epílogo	369
Agradecimentos	379

Prólogo

Olá e sejam bem-vindos.

Chamo-me Julie Yip-Williams. Sinto-me grata e profundamente honrada por estarem a ler este livro. Esta história começa pelo fim. O que significa que se estais aqui, eu não estou. Porém, não há problema.

Tive uma vida boa e completa. Alcancei muito mais do que alguma vez pensei ser possível ou do que as minhas origens muito humildes me teriam dado o direito de esperar. Fui esposa, mãe, filha, irmã, amiga, imigrante, doente oncológica, advogada e, agora, escritora. Tentei levar uma vida pautada pelas boas intenções e com bom coração, apesar de ter a certeza de ter magoado algumas pessoas pelo caminho. Tentei ao máximo levar uma vida plena e gratificante, lidar com as inevitáveis provações com graciosidade e preservar o meu sentido de humor e amor pela vida. Só isso. Apesar de morrer com 40 e poucos anos e de deixar as minhas duas queridas filhas para trás, sou feliz.

A minha vida não foi fácil. O facto de ter sobrevivido à minha infância foi praticamente um milagre, o facto de ter vindo para a América, outro milagre. Ter nascido pobre e cega no Vietname do lado dos derrotados de uma guerra civil sangrenta devia ter definido a minha vida e selado o meu destino. Essas coisas marcaram-me, mas não me

travaram. A morte ensinou-me muito sobre a vida — sobre enfrentar verdades duras de forma consciente, sobre aceitar tanto o sofrimento como a alegria. Aceitar as partes difíceis de braços abertos foi porventura a experiência mais libertadora da minha vida.

Direta ou indiretamente, todos passamos por essas partes difíceis. As notícias que vemos na televisão ou que nos são contadas por amigos, as tragédias que culminam na morte e que acontecem a outras pessoas noutros lugares, que nos deixam tristes, mas também aliviados e gratos quando pensamos que, graças a Deus que... — furacões e terremotos devastadores, tiroteios e explosões violentos, acidentes de viação e, claro, doenças traiçoeiras. Estas coisas abalam-nos até à medula, porque nos recordam a nossa própria mortalidade, a nossa impotência face às forças invisíveis que fazem tremer a terra ou causam a mutação das células e que viram o corpo contra si próprio.

Decidi escrever sobre a minha experiência, tanto sobre a vida que vivi como sobre as provações que padeci — não de forma exaustiva, como compreendem, mas o suficiente para vos mostrar inteiramente a distância que percorri e o mundo em que construí a minha vida. E o que começou por ser a crónica de uma morte prematura e iminente tornou-se — se me permitem a presunção — algo muito mais significativo: uma exortação a vós, os vivos.

Vivam enquanto forem vivos, meus amigos.

Do início do milagre ao desenlace do milagre.*

Julie Yip-Williams

Fevereiro de 2018

* Referência ao título original do livro, *The Unwinding of the Miracle*. (N. T.)

Morte, Parte Um

Março de 1976, Tam Ky, Vietname do Sul

Quando eu tinha dois meses de idade, os meus pais, a pedido da minha avó paterna, levaram-me a um velho ervanário em Da Nang a quem ofereceram barras de ouro em troca de uma poção que me fizesse dormir para sempre. Como nascera cega, para a minha avó chinesa, eu estava danificada. Seria um fardo e um embaraço para a família. Incapaz de casar. Além disso, argumentava a minha avó, tratava-se de um ato de compaixão — seria poupada a uma existência miserável.

Nessa manhã, a minha mãe vestiu-me com roupas de bebé velhas e sujas com manchas castanhas amareladas de fezes da minha irmã ou do meu irmão, que não tinha conseguido limpar mesmo após inúmeras esfregadelas. A minha avó tinha ordenado à minha mãe que me vestisse aquela roupa e estava agora parada à porta do quarto dos meus pais, a ver a minha mãe vestir-me.

— Seria um desperdício vestir-lhe outra roupa — disse ela, assim que a minha mãe acabou de me vestir, como se confirmasse o carácter justo das suas instruções.

Eram as roupas com que deveria morrer. Em tempos de desespero como aqueles, não fazia sentido desperdiçar uma roupa de bebé perfeitamente boa numa criança que em breve se tornaria num cadáver.

O nosso drama familiar desenrolava-se no centro em brasa da Guerra Fria. O Vietname do Sul havia sido «libertado» pelo Norte 11 meses antes, altura em que um dominó geopolítico desabou sobre a vida dos Yip.

Em 1972, a guerra tinha pendido decididamente contra o Sul, e o meu pai tinha o pavor de perder as suas poucas posses, arriscando a vida por um país pelo qual, enquanto indivíduo de etnia chinesa, sentia pouco ou nenhum orgulho patriótico. Nos seus quatro anos de serviço militar, o meu pai nunca contou a ninguém da sua família, durante as breves licenças em casa, as coisas terríveis que tinha visto ou feito. As tentativas da sua mãe para o poupar dos horrores da guerra, através de subornos, que lhe conseguisse o cargo de motorista de um capitão do exército não tinham sido bem-sucedidas, como todos tinham esperado. Deu por si a dirigir-se para território inimigo, na incerteza de onde se escondiam os atiradores e as minas terrestres, dormindo na selva à noite, receoso de que os vietcongues furtivos lhe cortassem a garganta enquanto dormia no chão da selva e bruscamente sacudido pelas explosões que rasgavam o silêncio de uma calma ténue. No final, o medo persistente da morte — ou, pior ainda, de perder um membro, como tinha acontecido a alguns dos seus amigos — superou quaisquer noções que tivesse de honra ou o medo de ser considerado covarde. Um dia, afastou-se do acampamento, sob o pretexto de ir buscar mantimentos ao jipe, e não olhou para trás. Durante uma semana, caminhou a pé e pediu boleia até Saigão, a capital do Vietname do Sul, onde se escondeu em Cholon, um antigo bairro habitado por, pelo menos, um milhão de indivíduos de etnia chinesa. Cholon era uma zona tão movimentada e com um número tão elevado de indivíduos sem qualquer tipo de lealdade ao esforço de guerra, que podia esconder-se e movimentar-se livremente por entre a comunidade.

A minha avó, a quem o meu pai conseguira comunicar o seu paradeiro, não confiava na capacidade de nenhum homem se manter fiel, incluindo o seu filho, e sugeriu à minha mãe que fosse ter com

ele a Saigão. E foi assim que a minha mãe, com a minha irmã Lyna, de dois anos, num braço e o meu irmão bebé, Mau, no outro, partiu para Saigão. Ali viveram no limbo com o meu pai até ao final da guerra, à espera que fosse seguro regressar a Tam Ky sem o receio de ser preso ou, pior ainda, forçado a continuar a cumprir o serviço militar numa situação que se deteriorava rapidamente a cada dia que passava. Não era a altura de ter outro filho.

Quando Saigão caiu a 30 de abril de 1975, os meus pais rejubilaram juntamente com o resto da cidade, não porque acreditassem no novo regime comunista, mas porque a guerra estava finalmente a chegar ao fim. Enquanto Saigão mudava de mãos, eles festejavam, juntando-se às multidões febris, saqueando lojas e armazéns abandonados, levando latas de combustível e sacas de arroz, e tudo o mais que conseguissem transportar nas mãos. Comemoraram, congratulando-se com a notícia da minha chegada iminente a este mundo e, após a queda de Saigão, voltaram finalmente a casa, a Tam Ky, onde eu vim ao mundo numa noite banal de janeiro, oito meses mais tarde. Pesava pouco mais de três quilos, o que era muito para os padrões vietnamitas, mas não ao ponto de eu e a minha mãe termos corrido risco de vida aquando do parto. Os hospitais eram imundos e as cesarianas não eram uma opção naquela altura; ninguém sabia como executá-las, talvez exceto em Saigão. O meu pai chamou-me 荊菁, que se pronuncia «Lijing» em mandarim e «Lising» em chinês de Taiwan, cuja tradução literal significa «Quintessência de Jasmim». A ideia era que o meu nome transmitisse uma sensação de vivacidade, vitalidade e beleza. A minha mãe, que havia esperado tanto tempo por um novo bebé, ficou radiante. Assim como a minha avó — pelo menos, de início. Dois meses mais tarde, embrulhada nas velhas roupas de bebé do meu irmão e da minha irmã, estava nos braços do meu pai, num autocarro, a fazer o percurso de duas horas em direção a norte, até Da Nang, na autoestrada 1, condenada à morte.

Vida

14 de julho de 2017, Brooklyn, Nova Iorque

Queridas Mia e Isabelle,

Resolvi todos os problemas logísticos que pensei que pudessem decorrer da minha morte — contratei uma cozinheira muito em conta para vocês e o papá; deixei uma lista de instruções relativas ao vosso dentista, ao pagamento das propinas da vossa escola, à renovação do contrato de aluguer do violino, assim como ao contacto do afinador de piano. Nos próximos dias, vou gravar alguns vídeos sobre todos os pormenores do apartamento, de modo a que todos saibam onde estão os filtros de ar e qual é a marca da comida do *Chipper*. Porém, percebi que esses são os pormenores mais básicos, os problemas mundanos fáceis de resolver e de somenos importância.

Percebi que teria fracassado enormemente como se não tentasse atenuar a dor da minha perda, se pelo menos não tentasse abordar aquela que será porventura a questão mais relevante das vossas jovens vidas. Serão para sempre as crianças cuja mãe morreu de cancro, as pessoas olharão para vocês com um misto de compaixão e pena (de que se irão ressentir, mesmo que as intenções sejam as melhores). A morte da vossa mãe irá marcar as vossas vidas como uma mancha flagrante numa toalha imaculada em todos os outros aspetos. Quando olharem para todas as outras crianças que ainda têm pais,

irão perguntar: «Porque é que a minha mãe teve de adoecer e morrer? Não é justo!» e irão chorar. E irão desejar ardentemente que eu estivesse presente quando um dos vossos amigos for mau para vocês, quando estiverem a furar as orelhas; vão querer que estivesse sentada na fila da frente a bater palmas freneticamente nos vossos recitais de música, que fosse aquela mãe chata que insiste em tirar mais uma foto na vossa formatura; que vos ajudasse a vestir no dia do vosso casamento, que cuidasse do vosso filho recém-nascido para vocês poderem dormir. E sempre que sentirem saudades minhas, vão voltar a sentir a mesma dor e vão perguntar-se porquê.

Não sei se as minhas palavras serão alguma vez capazes de atenuar a vossa dor. Porém, seria negligente da minha parte não tentar.

A minha professora de História do sétimo ano, a Professora Olson, uma excêntrica amalucada, mas uma professora fenomenal, costumava rebater os nossos protestos adolescentes: «Isso não é justo!» (por exemplo, quando fazíamos um teste-surpresa ou quando fazíamos aquilo a que chamávamos o teste de cultura geral «injusto»), dizendo: «A vida não é justa. Habituem-se!» De alguma forma, crescemos a pensar que devia haver justiça, que as pessoas deviam ser tratadas de forma justa, que devia haver igualdade de tratamento e de oportunidades. Essa expectativa deve ser o resultado de crescermos num país rico, em que o estado de direito está tão firmemente estabelecido. Mesmo na tenra idade de 5 anos, já as duas clamavam justiça, como se fosse um direito fundamental (como se fosse injusto que a Belle pudesse ir ao cinema e a Mia não). Por isso, talvez essas expectativas de justiça e equidade estejam também inculcadas na mente humana e no nosso quadro moral. Não tenho a certeza.

O que sei com toda a certeza é que a Professora Olson tinha razão. A vida não é justa. Seria uma tolice contarmos com justiça, pelo menos no que toca a questões de vida ou morte, questões que fogem ao âmbito da lei, questões que não podem ser projetadas ou manipuladas pelo esforço humano, questões que são distintamente do

domínio de Deus, da sorte ou do destino ou de qualquer outra força desconhecida e incompreensível.

Apesar de não ter crescido sem mãe, sofri de uma forma diferente e percebi quando era ainda mais nova do que vocês que a vida não é justa. Olhava para os outros miúdos que tinham carro e jogavam ténis e que não tinham de usar uma lupa para ler, e isso custava-me de uma forma que talvez agora vocês consigam compreender. As pessoas também olhavam para mim com pena, o que eu detestava. Também me foram vedadas muitas oportunidades; era sempre eu que registava a pontuação e nunca jogava nas aulas de Educação Física. A minha mãe pensava que não valia a pena eu estudar chinês depois da escola inglesa, ao contrário dos meus irmãos, porque assumiu que eu não conseguiria ver os caracteres. (Claro que, mais tarde, viria a estudar chinês na universidade e no estrangeiro e o meu domínio da língua haveria de superar o dos meus irmãos.) Para uma criança, não há nada pior do que ser diferente, dessa maneira negativa e digna de pena. Ficava triste muitas vezes. Chorava, numa raiva solitária. Tal como vocês, tive a minha própria perda, a perda da visão, que envolveu a perda de muito mais. Sofri. Quis saber porquê. Odiei a injustiça de tudo aquilo.

Minhas queridas filhas, não tenho a resposta para os vossos porquês, pelo menos não agora e não nesta vida. Porém, sei que há um valor incrível na dor e no sofrimento, se estiverem dispostas a passar por isso, a chorar, a sentir tristeza e sofrimento, a dor. Caminhem sobre o fogo e sairão dele mais inteiras e fortes. Garanto-vos. Acabarão por encontrar verdade, beleza, sabedoria e paz. Compreenderão que nada dura para sempre, nem a dor nem a alegria. Compreenderão que a alegria não existe sem a tristeza. O alívio não existe sem a dor. A compaixão não existe sem a crueldade. A coragem não existe sem o medo. A esperança não existe sem o desespero. A sabedoria não existe sem o sofrimento. A gratidão não existe sem a privação. Os paradoxos abundam nesta vida. Viver é saber navegar por entre eles.

Eu fui privada da visão. Contudo, essa simples condição física infeliz transformou-me para melhor. Em vez de me deixar mergulhada

em autocomiseração, tornou-me mais ambiciosa. Tornou-me mais expedita. Tornou-me mais esperta. Ensinou-me a pedir ajuda, a não ter vergonha da minha deficiência física. Obrigou-me a ser sincera comigo mesma e com as minhas limitações e, por fim, a ser sincera com os outros. Ensinou-me a ter força e resiliência.

Vocês irão ficar sem mãe. Como vossa mãe, gostaria de vos proteger da dor. Porém, também como vossa mãe, quero que sintam a dor, que a vivam, que a abracem e que então aprendam com ela. Sejam pessoas mais fortes por causa disso, pois saberão que carregam convosco a minha força. Sejam pessoas mais bondosas por causa disso; sintam empatia com aqueles que sofrem nos seus próprios caminhos. Alegrai-vos da vida e de toda a sua beleza por causa disso; vivam por mim com entusiasmo e empenho. Sejam gratas de uma forma que só alguém que perdeu a mãe tão cedo pode ser, cientes da precariedade e da preciosidade da vida. É este o desafio que vos lanço, minhas queridas filhas, de transformarem uma tragédia horrível numa fonte de beleza, amor, força, coragem e sabedoria.

Muitos poderão discordar, mas eu sempre acreditei, sempre, mesmo quando era uma rapariga precoce a chorar sozinha na minha cama, que o nosso propósito nesta vida é experimentar tudo o que for possível, compreender o máximo da condição humana que conseguimos abraçar numa vida, por mais longa ou curta que possa ser. Estamos aqui para sentir a gama complexa de emoções que são próprias do ser humano. E, com base nessas experiências, as nossas almas expandem-se e crescem, aprendem e transformam-se, e compreendemos um pouco melhor o que significa ser humano. Chamo a isso a evolução da alma. Saibam que a vossa mãe teve uma vida incrível, preenchida por uma dose mais do que «justa» de dor e sofrimento, primeiro com a sua cegueira e depois com o cancro. E permiti que a dor e o sofrimento me definissem, que me transformassem, mas para melhor.

Nos anos que passaram desde o meu diagnóstico, conheci um amor e compaixão que nunca julguei possíveis; testemunhei e experimentei em mim mesmo os níveis mais profundos do cuidado

humano, uma verdadeira lição de humildade que me forçou a ser uma pessoa melhor. Conheci um medo mortal que era esmagador e, ainda assim, consegui superar esse medo e encontrar coragem. As lições que a cegueira e depois o cancro me ensinaram são demasiadas para contar aqui, mas espero que, quando lerem o que se segue, compreendam como é possível ser transformado positivamente pela tragédia e aprendam o verdadeiro valor do sofrimento. O valor da vida de uma pessoa não está no número de anos vividos, repousa, em vez disso, em quanto essa pessoa absorveu as lições dessa vida, em quanto essa pessoa conseguiu compreender e destilar os múltiplos aspectos complexos da experiência humana. Ainda que tivesse escolhido ficar convosco muito mais tempo, se a escolha tivesse sido minha, se puderem aprender algo com a minha morte, se aceitarem o meu desafio de serem pessoas melhores por causa da minha morte, então trarão alegria e paz ao meu espírito desordenado.

Irão sentir-se sós e solitárias, mas perceberam que não estão sozinhas. É verdade que caminhamos sozinhos nesta vida, porque sentimos o que sentimos singularmente e cada um faz as suas próprias escolhas. Porém, é possível encontrar pessoas semelhantes a nós, que farão com que nos sintamos menos sós. Este é outro dos paradoxos da vida que aprenderão a navegar. Acima de tudo, poderão contar uma com a outra para se apoiarem. São irmãs, o que vos dá um vínculo de sangue e experiências comuns sem paralelo. Procurem consolo uma na outra. Perdoem-se e amem-se sempre. E não se esqueçam do papá. E da Titi, do tio Mau, da tia Nancy, da tia Caroline, da tia Sue, e de tantos amigos queridos que tanto me conheciam e gostavam de mim — que pensam em vocês, que rezam por vocês e que se preocupam convosco. Estão envolvidas pela energia positiva de todas essas pessoas, para que não se sintam tão sós.

E, por fim, independentemente do sítio para onde eu for, saibam que uma parte de mim ficará sempre convosco. O meu sangue corre nas vossas veias. Herdaram o melhor de mim. Apesar de não estar fisicamente convosco, estarei a velar por vós.

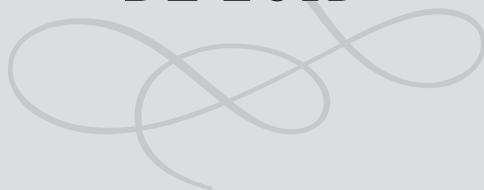
Por vezes, quando estão a ensaiar com os vossos instrumentos, fecho os olhos para poder ouvir melhor. E quando o faço, sou invadida pela certeza absoluta de que sempre que tocarem violino ou piano, quando tocarem com paixão e empenho, o poder especial da música irá chamar por mim e eu estarei presente. Estarei ali sentada, a instar-vos a tocarem uma e outra vez, a contarem o compasso, a ajustarem o cotovelo, a sentarem-se direitas. E depois irei abraçar-vos e dizer-vos que fizeram um excelente trabalho e que estou muito orgulhosa de vocês. Prometo. Mesmo muito depois de terem decidido deixar de tocar, continuarei a chegar junto de vocês nesses momentos extraordinários e comuns da vida que viverem de forma apaixonada e empenhada. Pode ser quando estiverem no topo de uma montanha, deslumbradas com a beleza excepcional e orgulhosas da vossa capacidade de chegarem ao topo, quando segurarem o vosso bebé nos braços pela primeira vez, quando estiverem a chorar porque alguém ou alguma coisa vos partiu o coração sensível, talvez quando passarem uma noite em claro por causa dos estudos ou do trabalho. Saibam que a vossa mãe outrora sentiu o mesmo que vocês e que estarei presente para vos abraçar e incentivar. Prometo.

Sonhei muitas vezes que, quando morrer, saberei finalmente como seria ver o mundo sem qualquer deficiência visual, ver à distância, ver os pormenores minuciosos de um pássaro, conduzir um carro. Oh, como anseio ter uma visão perfeita, mesmo depois destes anos todos privada dela. Anseio que a morte me torne plena, que me proporcione o que me foi negado em vida. Acredito que este sonho se vai realizar. De igual modo, quando chegar a vossa hora, estarei à vossa espera, para que também vocês recebam aquilo de que foram privadas. Prometo. Mas, até lá, vivam, minhas queridas filhas. Vivam uma vida que valha a pena ser vivida. Vivam de forma plena e completa, ponderada, com gratidão, coragem e sabedoria. Vivam!

Amo-vos muito para todo o sempre, até ao infinito, através do espaço e do tempo. Nunca se esqueçam disso.

Mamã

VERÃO E OUTONO
DE 2013



As Probabilidades

Devia ter sido um casamento de família. A meio do verão de 2013, todos reunidos em Los Angeles para celebrar o dia mais feliz da minha bela e jovem prima. Eu não cheguei a ir. Eu e o Josh tínhamos ido de avião de Nova Iorque com a Mia e a Belle, com a intenção de ficar cerca de uma semana. Durante mais ou menos um mês antes disso, tinha sentido um desconforto no estômago — amorfo, mas que não parecia normal. Náuseas, cólicas e prisão de ventre tinham-me feito consultar um gastroenterologista, mas não parecia ser nada de grave. Depois, já em LA, comecei a vomitar violentamente e por isso passei a boda nas Urgências.

Uma colonoscopia revelou uma massa a meio do meu cólon transverso; o cólon estava quase totalmente obstruído. No léxico dos diagnósticos, uma «massa» é das últimas coisas que queremos que o médico encontre dentro de nós. Ainda antes de ter sido feita a biópsia, os médicos estavam convencidos de que era cancerígeno. Porém, só teriam a certeza após a intervenção.

Nunca me esquecerei do momento em que acordei, após a hemicolectomia, na sala de recobro. O Josh estava a ser consolado pelo Tim, o enfermeiro, e pelo meu cirurgião, o Dr. D. C. Estavam a dizer-lhe que tinha de cuidar dele próprio para poder cuidar de mim. O Tim

perguntou-lhe se tinha jantado e, antes que o Josh tivesse podido responder, trouxe-lhe uma fatia da pizza do seu próprio jantar. Mesmo anestesiada, percebi que algo de realmente errado se passava para estarem preocupados com o Josh e não comigo, a pessoa que tinha acabado de sair de um bloco de cirurgia.

Por isso quando o rosto jovem do Dr. D. C. surgiu à minha frente, resmunguei:

— É irremediável? — Com base no ambiente da sala, contava que a resposta fosse «sim». Em vez disso, o Dr. D. C. disse:

— Não, não é irremediável. É muito grave, mas não é irremediável.

Disse-me que tinha conseguido remover o tumor com sucesso, mas que tinha encontrado uma «metástase em gota do tamanho de uma ervilha» no peritoneu, na zona acima da bexiga, literalmente, uma gota do tumor principal. Pensei com os meus botões que aquilo não parecia ser assim tão grave — uma metástase em gota do tamanho de uma ervilha que também tinha sido removida —, porque estaria o Josh tão perturbado?

Deixei-me estar deitada, entorpecida, assistindo passivamente à conversa deles enquanto tentava despertar da minha letargia. O Dr. D. C. disse que eu não me recordaria de nada do que estava a ser dito naquela noite. O Josh disse-lhe para não ter tanta certeza disso. Sorri para mim mesma. Os anos que passou comigo ensinaram-lhe que a minha mente é como uma esponja e que, anestesiada ou não, nunca me esqueço de nada (sobretudo quando é algo que posso utilizar contra ele).

Na verdade, lembro-me de muitos pormenores daquela noite. Além do desconforto físico de ter acabado de sair da cirurgia, lembro-me de ter pensado que a cirurgia devia ter demorado muito mais tempo do que as duas horas e meia previstas, visto que já estava escuro na rua. Lembro-me de o meu irmão e a minha prima me terem ido visitar ao hospital. Mas, acima de tudo, lembro-me de todos falarem numa série de números. Uma metástase em gota. Estádio IV. Seis por cento, oito por cento, 10 por cento, 15 por cento. Valores com 30 anos.

Uma vez que tinha uma disseminação metastática do tumor principal para outra parte do meu corpo, independentemente do tamanho dessa propagação, fui classificada na categoria de Estádio IV. O cancro do cólon em Estádio IV está associado a taxas de sobrevivência muito diminutas, entre os seis e os 15 por cento. O Dr. D. C. disse repetidamente ao Josh naquela noite que as estatísticas da taxa de sobrevivência eram baseadas em estudos com 30 anos e que, por isso, não seriam fiáveis.

Assim que reparei que estavam todos preocupados com os valores, percebi porque é que o Josh estava tão perturbado. O Josh adora números. Consegue fazer cálculos complexos de cabeça. Durante o nosso namoro, perguntava-me muitas vezes:

— Quais pensas que são as probabilidades de casarmos?

Memorizou todos os resultados do Super Bowl desde o início da competição. Lembra-se de que o Roger Federer estava a perder por 5–3 no segundo *set* da terceira ronda do torneio de Wimbledon, em 2009. Para ele, tal como para muitas pessoas, os números ditam a ordem num mundo caótico de aleatoriedade. E dizerem-lhe que a mulher tinha cancro do cólon no Estádio IV e, por isso, possivelmente uma probabilidade de um só dígito de sobreviver cinco anos era compreensível e particularmente devastador.

O Josh soluçou nessa noite e na manhã do dia seguinte, enquanto pesquisava novamente no *Google* taxas de sobrevivência de cancro do cólon no Estádio IV na poltrona reclinável que lhe servia de cama. A luz do ecrã do *iPad* lançava um brilho misterioso sobre o seu rosto na escuridão do meu quarto de hospital. Ele não quis discutir as estatísticas com medo que isso me perturbasse, mas o Josh nunca conseguia esconder nada de mim — é um dos motivos porque o amo tanto.

E então ficou incrédulo quando os valores não me deixaram perturbada.

— E então? — disse-lhe eu.

— Não percebes? — insistiu, querendo que eu percebesse a gravidade da situação.

Por mais que o Josh me ame, não consegue perceber uma verdade fundamental sobre mim, simplesmente porque não viveu a minha vida. Não compreende que a minha própria existência neste planeta é uma prova do pouco que os números me interessam. Os números não significam nada. Naquela noite, pedi-lhe para recuar a 1976, à desolação e desespero do Vietname comunista, e para tentar determinar as probabilidades de uma rapariga cega sair daquela pobreza inimaginável, de conseguir escapar ao estigma de ter uma deformidade física que a tornaria indesejável aos olhos de qualquer homem e indigna de ser mãe de qualquer criança e de suportar a vergonha de saber que seria sempre um fardo para uma família orgulhosa que teria de cuidar dela como uma inválida até ao fim dos seus dias.

Exigi que o Josh determinasse a probabilidade dessa rapariga sobreviver a uma travessia marítima quando tantos homens feitos sucumbiram, de recuperar parte da visão apesar de anos de danos nos nervos óticos, de ter sucesso académico apesar das baixas expectativas da família decorrentes da ignorância imigrante, de conseguir formar-se na Faculdade de Direito de Harvard, de construir uma carreira jurídica numa das mais proeminentes firmas de advogados do mundo e, por fim, de casar com um homem bonito e brilhante do Sul dos Estados Unidos e de ter duas filhas lindas com ele. Claro que o Josh não conseguiu determinar essas probabilidades.

O Josh passou muitas horas a ler estudos médicos, na tentativa de aumentar as minhas hipóteses de sobrevivência. Uma única disseminação metastática, em oposição a múltiplas disseminações metastáticas, resulta em alguns pontos percentuais adicionais, tal como a minha idade e boa forma física, tal como o facto de eu ter acesso aos melhores cuidados clínicos do mundo, assim como o facto de ter uma rede de apoio maravilhosa. Segundo o Josh, estes fatores aumentam as minhas probabilidades de viver cinco anos para a casa dos 60 por cento, o que, para ele, é muito melhor do que seis por cento.

Para ser sincera, 60 por cento também não me parece grande coisa. Na verdade, tudo o que seja abaixo dos 100 por cento é insuficiente.

Mas, como todos sabemos, nada na vida está garantido a 100 por cento. A probabilidade de uma mulher com menos de 40 anos ter cancro do cólon é de 0,08 por cento, segundo um estudo da Mayo Clinic — o Josh diz-me este tipo de coisas porque eu não pesquisei nada na Internet que tenha a ver com estatísticas. Esse valor tem em conta mulheres atingidas pela doença por motivos genéticos e não genéticos. O meu tumor não revelou marcadores genéticos, o que significa que a probabilidade de ser diagnosticada com cancro do cólon é ainda menor do que 0,08 por cento. O meu fantástico médico de clínica geral disse-me que nos seus 37 anos de carreira nunca se tinha deparado com um caso em que alguém tão novo como eu tivesse sido diagnosticado com cancro do cólon por motivos não genéticos. Sinto-me tão especial! Tinha pelo menos 99,92 por cento de hipóteses de não desenvolver um cancro no cólon nesta altura da minha vida, mas desenvolvi-o na mesma.

Por isso, os números não significam nada. Não dão garantias, nem são uma fonte de preocupação. Claro que teria sido preferível ter sido diagnosticada com cancro no Estádio I, e houvesse uma disseminação metastática nula, mas mesmo quando as probabilidades estão a nosso favor, a vitória não é garantida. Apesar da obsessão do Josh com as probabilidades estatísticas, ele diz-me, sempre que uma equipa mais fraca ganha um jogo de futebol ou basquetebol e desafia as probabilidades:

— É por isso que temos de ir a jogo.

Bem, estou aqui para ir a jogo e escolho não viver e morrer de acordo com o que os apostadores dizem. Escolho não apostar nas percentagens que foram elaboradas por algum investigador anónimo enquanto olhava para uma série de dados impessoais. Em vez disso, escolho apostar em mim, no meu corpo, na minha mente e no meu espírito, naquelas partes de mim que já estão tão experimentadas na arte de desafiar as probabilidades. Na série de televisão Friday Night Lights, o treinador Taylor sempre disse à sua modesta equipa de futebol escolar, Dillon Panthers:

— Olhos abertos, corações intensos, vitória certa!

Eu tenho os olhos abertos e um coração intenso.

Ver Fantasmas

Nas primeiras 24 horas após o meu diagnóstico, sempre que pensava nas minhas filhas, o meu corpo ficava atormentado por soluços implacáveis. Especulei muitas vezes sobre os tipos de mulheres que as minhas filhas seriam um dia. Pensar que não estaria presente para ver se a Mia se tornaria numa beldade radiante, sensível e reservada e a Belle numa temperamental gregária e carismática fez com que o meu estômago já dorido doesse ainda mais e que o meu coração doesse como nada que antes tivesse experimentado. A imagem delas a chorar inconsolavelmente e em vão por minha causa, por não estar perto delas à noite para lhes dar um beijinho e prometer que tudo ficaria bem, e que não houvesse alguém — fosse quem fosse — que as amasse tanto como eu, desfazia-me por dentro.

Por isso, a bem da minha autopreservação, deixei de pensar nelas. Disse ao Josh para não as levar ao hospital, e quando ele me contradisse, mantive essas visitas muito breves. Invariavelmente, eram ocasiões desagradáveis, com a Mia a apressar-se a sair, minutos depois de ter chegado, porque tinha medo dos tubos que saíam do corpo da mãe e com a Belle a ser retirada à força do meu quarto enquanto éramos todos sujeitos aos seus gritos lancinantes. As minhas crianças tornaram-se filhas de outra pessoa. Sabia que estavam

a ser bem tratadas pelos meus pais e pela minha irmã, entretidas por um exército de parentes. Foi o suficiente para mim. Não tinha nada para lhes dar durante aqueles dias que passei no hospital, enquanto continuava sob o efeito do choque do diagnóstico e estava ocupada com a preparação da cirurgia e posterior recuperação.

Naqueles primeiros dias, via as minhas filhas como vítimas da guerra que eu começava a travar, uma guerra que não tinha escolhido. Éramos todos vítimas do cancro, sendo elas as mais inocentes.

Foi então que a minha doce, alucinada e endiabrada Isabelle — a criança que tinha crescido dentro do meu corpo ao mesmo tempo que o cancro se desenvolvia — começou a fazer-me ver as coisas sob outro prisma.

Após ter tido alta do hospital, ficámos durante mais duas semanas numa casa alugada perto de Beverly Hills, em vez de regressarmos imediatamente a Nova Iorque. Queria passar mais tempo em Los Angeles para ser acompanhada pelos médicos, recuperar e estar com a família e os amigos que, por norma, não tinha muitas oportunidades de ver. A casa dos meus pais tinha o inconveniente de estar localizada na zona leste. A renda era barata e cumpria o seu objetivo, mas a casa era velha, suja e a precisar de ser remodelada. E, para o bem e para o mal, estava assombrada.

Duas noites depois de nos mudarmos para lá, enquanto enfrentávamos o habitual trânsito de Olympic Boulevard a caminho da casa alugada, a Belle declarou subitamente na sua voz de criança:

— Mamã, tenho medo do escuro.

Era a primeira vez que a minha filha de quase dois anos, invulgarmente eloquente, confessava ter medo do escuro. Porém, para ser sincera, já tinha deixado de me sentir chocada com as coisas que lhe saíam da boca, tendo concluído que muitas das suas afirmações precoces eram o resultado de ser a irmã mais nova de uma rapariga de três anos e meio, ela própria muito perspicaz.

— Belle, há muitas luzes. Pelo que não precisas de ter medo do escuro — sosseguei-a.

Depois, nessa noite, as raparigas insistiram que me deitasse com elas, sobretudo a Belle. Por isso, deitei-me à beira da cama, com a Belle a meu lado e a Mia ao lado dela. Após alguns minutos de silêncio, a Belle sentou-se muito direita de repente e voltou a dizer:

— Mamã, tenho medo do escuro. — Na verdade, o quarto estava escuro, mas estava iluminado pelo brilho difuso dos candeeiros da rua.

— Belle, a mamã está aqui. Eu protejo-te. Não precisas de ter medo de nada. Deita-te e dorme! — Ela deitou-se obedientemente e, segundos depois, voltou a sentar-se direita e olhou em volta com aqueles seus olhos negros penetrantes.

— Mas, mamã, eu vejo fantasmas.

Agora, era mesmo uma novidade. A Mia disse que não andava a falar com a irmã sobre fantasmas e eu acreditei nela. No passado, meses antes, faziam jogos que implicavam atirar cobertores por cima da cabeça e pregar sustos à luz do dia, gritando: «Bu!» Porém, a Belle falar sobre fantasmas e associá-los ao medo do escuro era um pouco mais do que poderia esperar até mesmo dela. Senti um arrepio nos braços.

Tendo sido operada uma semana antes e estando muito mais ciente da proximidade da morte, interroguei-me se o Anjo da Morte estaria naquele quarto e se, de alguma forma, a minha filha clarividente conseguia vê-lo.

Os dez dias seguintes passaram com a Belle a interromper ocasionalmente aquilo que estava a fazer naquela casa para olhar fixamente para um ponto com um olhar que nos dizia que estava a ver algo que nós não víamos. Uma vez, perguntou ao que quer que fosse que estava a ver:

— Porque voltaste?

Noutra ocasião, quando a nossa babysitter colocou o telefone junto ao ouvido de Belle para ela dizer olá à irmã da babysitter, tal como já tinha feito inúmeras vezes, ainda antes de a irmã poder dizer fosse o que fosse, a Belle disse-lhe:

— Estou a ver um fantasma nesta sala.

Depois de termos deixado aquela casa, a Belle não voltou a olhar fixamente para um ponto nem voltou a falar em fantasmas. Porém, não tenho a menor dúvida de que a minha filha viu algo naquela casa alugada. Se foi o Anjo da Morte, um anjo da guarda ou um qualquer espírito errante, não sei. Só sei que a minha Belle é especial, que tem magia dentro dela.

E depois de sair do hospital, o comportamento da Belle em relação a mim transformou-se. Tornou-se invulgarmente apegada a mim durante algum tempo. Atribuí isso ao longo período de separação motivado pelo meu internamento hospitalar. A intensidade com que necessitava de estar junto a mim acabou por esmorecer. Agora, gosta de se aproximar sorratamente por trás e abraçar-se ao meu pescoço durante uns bons dez segundos, o que é uma eternidade para uma criança de dois anos. Por vezes, vem até mim e beija-me na boca e depois abraça-se com força ao meu pescoço. Então, olho-a fixamente nos olhos durante aquele segundo antes de ela querer fugir e pergunto-lhe:

— Belle, a mamã vai ficar bem?

— Sim — é o que sempre diz.

A Belle é demasiado nova para perceber que a mamã está doente, mas acredito que uma parte do seu espírito intemporal percebe o que se passa. Agora, quando a Belle me abraça, sinto que me dá uma parte de si própria — da sua esperança, da sua alegria, da sua força vital.

Quando a Belle começou a ver fantasmas, lembrei-me de um poema que tinha lido no liceu, *Ode on Intimations of Immortality*, da autoria do poeta romântico William Wordsworth, no qual ele expressou a ideia de que as crianças nascem «a perseguir nuvens de glória», com a inocência, a pureza e a sabedoria de terem acabado de vir de Deus. É o processo de crescimento e a influência corruptora da sociedade e da vida que as despoja da sua bondade angélica inata, aquilo a que Wordsworth chamou a sua «hora de esplendor na relva, de glória na flor».

E quanto a nós, adultos, que há muito deixámos os nossos momentos de perseguir nuvens de glória e as nossas horas de esplendor na relva, de glória na flor? E aqueles de nós que foram marcados de forma indelével (e súbita) pelos nossos sonhos desfeitos e que podem ser engolidos pela nossa própria amargura perante a doença e a perda iminente? O que devemos fazer? Wordsworth tem alguns conselhos para nos dar:

Pois muito embora o esplendor outrora tão brilhante
Esteja agora para sempre fora do meu alcance,
Ainda que nada possa restituir o momento
Do esplendor na relva, da glória na flor;
Não iremos lamentar, mas encontrar
Força no que fica para trás;
Na empatia primordial
Que tendo sido sempre será;
Nos pensamentos reconfortantes que brotam
Do sofrimento humano;
Na fé que supera a morte,
Nos tempos que anunciam o espírito filosófico.

Não lamentemos, pois, aquilo que se perdeu, mas encontremos força naquilo que fica para trás, através dos laços de empatia humana nascidos do sofrimento partilhado e da nossa fé em algo maior do que conseguimos conceber. E sem dúvida que encontrar força naquilo que ficou para trás inclui a redescoberta da magia e do assombro das nossas crianças plenas de força e permitir que nos ajudem a caminhar nas nossas horas mais sombrias.

«Um livro maravilhosamente bem escrito, comovente e humano, que merece ser lido e absorvido por todos.»

SIDDHARTHA MUKHERJEE
VENCEDOR DO PRÉMIO PULITZER

Esta é a incrível história de Julie Yip-Williams, nascida no Vietname na década de 1970 e que esteve perto de ser morta pela própria família. Décadas mais tarde, imigrada nos Estados Unidos, enfrentou o seu passado tumultuoso e conseguiu formar-se em Direito pela Universidade de Harvard, casar e ter duas filhas.

Mas, aos 37 anos, foi-lhe diagnosticado um cancro do cólon em estado avançado e a sua vida voltou a ficar ameaçada. Decidiu nessa altura escrever a sua história e relatar o dia a dia de violentos tratamentos, bem como as aflições sobre o futuro das filhas e o legado que lhes quis deixar.

Este é um manifesto pela vida sob o prisma da morte iminente, escrito com humor e honestidade, que disserta sobre temas como a maternidade, o casamento, o amor e a dor. É inspirador e didático, adorável e avassalador.

«Dizem que a juventude é desperdiçada nos jovens.
Agora, que me aproximo do final da vida, percebo que
a saúde é desperdiçada nos saudáveis e que a vida
é desperdiçada nos vivos.»

JULIE YIP-WILLIAMS

 <p>inascente o curso da sua vida</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-756-9</p>  <p>9 789895 647569</p> <p>Desenvolvimento Pessoal</p>
---	---